

# Da *Nachträglichkeit* ao *après-coup*, o em-dois-tempos e o entre-dois-tempos do pensamento humano e do desejo

Bernard Chervet<sup>1</sup>

**Resumo:** A genealogia do conceito de *après-coup* está em isomorfia com o processo que ele designa, sendo inerente ao pensamento e ao desejo. Esta genealogia acompanhou o desvio da *Nachträglichkeit* até se difundir, na psicanálise francesa, com o termo *après-coup*. O *après-coup* é um processo que se desenrola em dois tempos e realiza um trabalho psíquico regressivo no período de latência que se situa entre os dois tempos. Essa configuração pode ser explicada pelo fato de que existe uma solução de continuidade entre as tendências extintivas das pulsões e o imperativo de inscrição que a elas se opõe, utilizando-as.

O *après-coup* é o método de que dispõe a psique para tratar essas tendências traumáticas correlacionadas com os inúmeros traumas diurnos. Ele permite a regeneração libidinal do psiquismo e dos investimentos objetais. Independentemente do lugar que tal conceito ocupa em *corpora* metapsicológicos das escolas psicanalíticas, o trabalho de sessão tenta tornar eficientes esse processo e suas funções.

**Palavras-chave:** Atração traumática. Bifasia do pensamento e do desejo. Co-excitação sexual. Extensão infinita. Imperativo de inscrição. Masoquismo de funcionamento. Regressão sensual. Regressividade extintiva. Retorno ao inorgânico.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro titular e didata, foi presidente da SPP, é secretário científico do CPLE, representante do Conselho (Board) da IPA, representante do ExCom da IPA.

A história do conceito de *Nachträglichkeit*, o trajeto que leva da *Nachträglichkeit* ao *après-coup*, constitui um material clínico que interessa ao psicanalista como intérprete, mas também ao historiador da ciência, ao epistemólogo e ao teórico da metapsicologia. A elaboração desse conceito convoca as teorias da temporalidade, da causalidade, da sobredeterminação, da relação entre as instâncias (a tradução e o vir a ser consciente), da relação do psiquismo com a realidade do corpo (a conversão), de sua relação com as realidades externas (a transposição e o animismo), mas também as teorias da regressão, do traumático, da economia libidinal, das pulsões, do trabalho psíquico com suas funções de deformação e geratividade, etc. Abrangendo todas essas dimensões, o trajeto torna-se objeto de estudo como tal.

Assim, o fato de Freud ter deixado definitivamente de usar o termo *Nachträglichkeit* em 1917, enquanto ampliava o em-dois-tempos da dinâmica psíquica, merece ser tomado como ponto nodal de nossa reflexão. Do mesmo modo, o ressurgimento desse conceito na França, após um longo período de desaparecimento, sob a denominação de *après-coup* nos oferece uma atuação da dinâmica do próprio processo de *après-coup*.

Isso leva a uma busca pelas razões que justifiquem esse em-dois-tempos, pelo que está envolvido no psiquismo e imprime ao funcionamento mental esse jogo dinâmico entre forma e informe, continuidade e descontinuidade, regrediência e progrediência, desaparecimento e ressurgimento, passividade e atividade, salto irracional e dedução racional, redução e emergência.

O lugar crescente dado aos dois tempos do funcionamento psíquico implica a atração regressiva própria da dualidade pulsional e sua articulação com um polo processual promotor de múltiplos destinos pulsionais, e orienta a atenção para o trabalho regressivo do entre-dois-tempos.

Certamente é fácil acompanhar essa dinâmica na bifasia da sexualidade humana, sua implicação na gênese dos sintomas tornou-se clássica. Mas também encontramos sua presença no advento da erogeneidade (a conversão e o corporal), na gênese da libido que está na fonte pulsional situada na articulação somato-psíquica (o refratário, a co-excitação libidinal e o suplemento de desejo), na finalidade antitraumática que recorre à percepção (o traço perdido e as percepções sem traço), nas operações fundamentais da mentalização (o assassinato fundador), na utilização do outro para que advenha o objeto (o *Nebemensch* e a identificação com os imperativos psíquicos do outro), etc.

Outras perguntas poderiam oferecer ao pensamento especulativo um momento feliz de liberdade em relação à prova de realidade. Elas se destinam aos biólogos, aos neurocientistas, aos antropólogos, aos físicos, aos astrônomos,

aos cosmólogos, aos sonhadores e aos poetas. Será que o *après-coup* pode ser encontrado nas dinâmicas dos ciclos celulares, naquelas dos grupos humanos e das civilizações? Podemos intuir sua trama na evolução da humanidade? E, de forma ainda mais audaciosa, podemos conceber sua implicação na evolução das galáxias e no jogo de expansão-contração do universo? Trata-se de processos semelhantes que se encontram sob a imensa bandeira da superestrutura do *après-coup*, ou seriam analogias movidas por nossa necessidade animista de transpor uma dinâmica estritamente psíquica para todo o nosso corpo e para o resto do mundo, e de reconhecê-la para nos certificarmos de que nunca para de nos preparar um futuro? Em última análise, qual é o lugar da extinção em nós, quando vislumbramos com pavor que a 6ª extinção em massa está se delineando, após as 5 anteriores, bem conhecidas, que levaram ao surgimento da espécie humana?

Todas essas perguntas se baseiam em um primeiro estarrecimento, ou seja, em uma experiência de falta em que algo escapa à apropriação psíquica, algo que se manifesta permanecendo inapreensível ao mesmo tempo. Progressivamente, traça-se o processo do *après-coup*, com a atração extintiva e o imperativo de inscrição que, juntos, o impelem a existir de acordo com essa forma marcada por um salto, por um hiato.

Etimologicamente, *s'étonner* [estarrecer-se], do latim *extonare*, remete ao trovão que provoca um choque, um abalo, um tremor capaz de despertar a capacidade de maravilhar-se, propriedade preciosa da vida psíquica. O estarrecimento é uma resposta para um efeito traumático ligado à endopercepção de uma diferença vivida, transpondo-se para uma realidade sensorial apreendida a partir de então como uma descoberta. Assim acontece com a diferença dos sexos e sua descoberta em um piscar de olhos que equivale a sair do paraíso da recusa. Todo estarrecimento é o sinal de um *après-coup* por vir. Ele abriga a potencialidade de produzir uma infinidade de conteúdos imprevisíveis, desde pensamentos-representações (de coisa e de palavra, verbais e em imagens), pensamentos-afetos, pensamentos-emoções, pensamentos-sentimentos, pensamentos-sensações, pensamentos-sensualidade e erogeneidade. Estes últimos ocupam um lugar particular, pois o pensar erógeno é mais frequentemente esquecido em proveito das representações e dos afetos, enquanto a conversão sensual (termo criado por Sigmund Freud) está presente, desde o nascimento da psicanálise, através da histeria. Essas poucas palavras visam mostrar que o *après-coup* é a estrutura dinâmica do próprio pensamento e seu processo criativo ou, se preferirmos, o pensar que gera os pensamentos.

## O *après-coup* e o pensamento humano

Do ponto de vista do pensamento, a psicanálise apresenta, mais do que qualquer outra ciência, uma estreita proximidade com seu objeto de estudo, uma vez que o pensamento utiliza, como ferramenta, o aparelho para pensar e, como método, o próprio pensamento. Certamente, esse isomorfismo entre o estudado, o estudante e o estudo não pode ser encontrado em nenhuma outra ciência. Trata-se, portanto, do *pensamento que pensa o pensar*. Essa realidade precisa ser reconhecida, em vez de servir de argumento para excluir a vida psíquica das ciências da natureza. Um dos efeitos desse isomorfismo consiste em reforçar o trabalho de deformação próprio da vida psíquica, trabalho que se torna indispensável devido à existência de uma heterogeneidade entre certos elementos ativos no psiquismo, elementos que estão envolvidos na formação de suas produções. Freud considerou a *deformação* como sua única descoberta sobre a qual construiu toda a sua metapsicologia (Freud, 1923/1991). Ele usou o termo *Entstellung* no título do capítulo 4 de *A Interpretação dos Sonhos: A deformação dos sonhos* (Freud, 1900/2003). O trabalho do sonho faz parte do trabalho de deformação que o psiquismo efetua continuamente (Lambertucci-Mann, 2018; Hock, 2021). Se, em 1900, ele é testemunho de representações inconciliáveis que devem ser dissimuladas, depois de 1920, ele se faz necessário pela existência de realidades implicadas no psiquismo que não são representáveis, mas que têm efeitos significativos expressos por materiais heterogêneos a essas realidades. Há uma solução de continuidade entre elas.

Todas essas modalidades do pensar só existem verdadeiramente na medida em que podem ser enunciadas, portanto, ligadas às palavras. Sua inscrição só existe por essa ligação à linguagem; na verdade, trata-se de uma ligação potencial e latente à linguagem que a psicanálise quer tornar eficiente obrigando-a a se tornar manifesta em sessão – ligação que obviamente continua a existir quando o pensamento trabalha em silêncio. Essa ligação atinge seus limites em certas situações nas quais *as palavras vêm a faltar*, em momentos de pavor, dor, gozo; na verdade, em intensidades que nos fazem perceber o quanto os seres humanos são habitados por tendências extintivas da vida, quer estas se expressem pela via da redução direta ao inorgânico ou por aquela da assunção a uma extensão infinita. A intensidade tenta se opor à extinção, assim como o sonho dentro do sonho (Chervet, 2006) e a *mise en abyme*<sup>2</sup> (Chervet, 2008) tentam reter essa aspiração a desaparecer. Portanto, um estarecimento e um maravilhamento

---

<sup>2</sup> N.T.: *Mise en abyme* é um termo francês que costuma ser traduzido, na literatura, como “narrativa em abismo, usado pela primeira vez por André Gide ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. Do mesmo modo que a representação de um quadro dentro de um quadro.

diante da capacidade do psiquismo de produzir os mais inesperados *après-coups*, sejam eles sintomas ou obras destinadas a se tornarem imortais.

Esse modo de conceber as produções do psiquismo significa que o mundo dos humanos é um imenso campo semiológico dentro do qual as produções psíquicas se diferenciam de acordo com a realização mais ou menos bem-sucedida do processo do *après-coup*, ou seja, de suas funções: a modificação da economia regressiva, o uso das tendências extintivas e o desdobramento dos imperativos de inscrição até a produção de um suplemento de desejo aberta ao mundo, seguindo múltiplos destinos.

Esse maravilhamento também se deve ao fato de que esse processo nos funda, sendo o mesmo em todos nós e, ao mesmo tempo, seus resultados nos diferenciam. É espantoso que a partir do geral realizem-se destinos singulares. Somos provavelmente iguais, acima de tudo, pelas necessidades que nos movem, mas nos diferenciamos pelo modo como respondemos a essas necessidades. É claro que podem existir diferenças dentro dessas necessidades, como a intensidade e a força das atrações redutoras e das infinitas extensões próprias das pulsões. Nossas suscetibilidades a essas atrações negativas são singulares, até mesmo determinadas historicamente. No entanto, as principais diferenças parecem dizer respeito, sobretudo, aos nossos imperativos de inscrição. Os processos envolvidos no trabalho do *après-coup* não dizem respeito somente ao Eu, como os mecanismos envolvidos no trabalho do sonho que permitem ao Eu dormir. O trabalho do sonho é o guardião do sono. Para se estabelecerem, os processos psíquicos têm de passar por uma identificação com o outro e com sua processualidade psíquica – identificação que participa da sobredeterminação de suas produções. Essa é a função principal do *Nebenmensch* (Freud, 1950/2006b) que, além de ser o primeiro objeto de satisfação e o primeiro objeto de hostilidade, é, fundamentalmente, o suporte de um modelo de funcionamento psíquico e o vetor de forças que poderão ser invocadas para se opor às tendências extintivas. Os imperativos de retenção e de inscrição precedem o Eu.

O maravilhamento apontado anteriormente advém, portanto, do fato de que o processo do *après-coup* se desenrola, em grande parte, na passividade. Passividade, porém, orientada por seu objetivo a ser alcançado, por sua realização, objetivo que tem valor de causa final e de polo atrator envolvido na sobredeterminação (Ody, 1990).

Os próprios processos envolvidos no *après-coup* escapam ao Eu e nos constituem como sujeitos. Seu destino é ser regido pelo Supereu. Os mecanismos do sonho não dependem de nossa vontade nem de nossa história, embora a realização dos processos ativos dentro do processo do *après-coup* envolva, igualmente, nossa história e nossa vontade, que também podem ser designadas como coragem e ousadia.

## Genealogia da *Nachträglichkeit*

A história de um conceito é uma realidade clínica como tal. A genealogia do conceito de *après-coup* é uma atuação do processo que ele mesmo explica. Não é de espantar que esse conceito seja fruto do processo que ele designa, uma vez que é justamente o mesmo do pensamento. De fato, o *après-coup* é o processo intrínseco do pensamento humano e do desejo (Chervet, 2022).

O substantivo *Nachträglichkeit* é um dos principais conceitos criados por Freud e pertencentes ao corpus teórico da metapsicologia. Em francês, o conceito é traduzido pelo termo *après-coup*, cada vez mais empregado na literatura psicanalítica não somente de língua inglesa – não há uma boa tradução em inglês –, mas também de outras línguas, como italiano, espanhol, português, nas quais é traduzido por perifrases. Os autores anglo-saxônicos empregam *after-effect*, *deferred-action* ou, às vezes, *afterwardness*.

Na verdade, a tradução francesa não é a melhor, mas a história do conceito de *Nachträglichkeit* faz com que ele seja considerado uma especificidade da psicanálise francesa, certamente por ter sido destacado por Lacan, mas, sobretudo, porque tem seus primeiros contornos traçados por Charcot. Partindo da França, a genealogia de *Nachträglichkeit* acabou dando uma volta e retornando à psicanálise francesa sob o termo *après-coup*.

De acordo com o método que lhe é familiar, Freud cunhou esse termo a partir de um adjetivo e de um advérbio da língua alemã corrente: *Nachträglich*.

*Nachträglich* e seus derivados são encontrados cerca de 160 vezes na obra de Freud: o substantivo *Nachträglichkeit* aparece 6 vezes, o advérbio e o adjetivo somam as outras ocorrências. O substantivo é empregado mais 5 vezes na carta a Wilhelm Fließ n° 146 de 14.11.1897 (Freud, 1950/2006a), além de outra ocorrência na carta n° 169 de 9.06.1898 (Freud, 1950/2006a).

*Nachträglichkeit* articula *Nach*, após, e *Tragen*, puxar, carregar, sustentar. No plano semiótico, portanto, significa “carregar para um depois”. O acréscimo de *keit* lhe confere o gênero feminino.

Na escrita de Freud, o substantivo *Nachträglichkeit* designa progressivamente um *processo psíquico inconsciente* em dois tempos e seus resultados manifestos, iniciado por um acontecimento de valor traumático, por um “choque” que se tornará “chocante”, sucedido por uma propriedade pulsional, a tendência extintiva. Mais explicitamente, o *après-coup* é um procedimento dinâmico que articula um acontecimento traumático – o vocábulo “acontecimento” não diz nada a respeito do que está em sua origem –, seu recalçamento durante um período mais ou menos longo e um trabalho psíquico regressivo inaparente. Este último transforma a economia libidinal regressiva que se manifestou

pelo referido acontecimento e pelo seu recalçamento, promovendo retornos póstumos desse mesmo acontecimento sob a forma de produções psíquicas manifestas substitutivas. O emprego do vocábulo “póstumo” indica a intuição de Freud quanto à implicação de uma operação de assassinato na dinâmica do recalçamento e nos retornos do recalçado. Sugere-se uma analogia com o par desaparecimento-ressurreição. Mas, de modo subjacente, é a transformação da economia regressiva extintiva em uma economia de investimento que sofre um assassinato fundador dessa nova economia progrediente (Chervet, 2015).

O adjetivo e o advérbio *Nachträglich* sublinham a organização diacrônica do processo *em dois tempos*, e o nexos de causalidade e determinismo existente entre eles.

Freud emprega termos equivalentes, como pós-efeito, pós-ação, *ex post*<sup>3</sup>, e expressões contendo o advérbio: ab-reação *a posteriori*, compreensão, elaboração, compulsão, obediência, ação, efeito *a posteriori*, etc.

Vale ressaltar que Freud se refere a esse processo em dois tempos com frequência muito maior do que emprega o substantivo *Nachträglichkeit*.

No *Projeto* (Freud, 1950/2006b) consta apenas o advérbio, referindo-se a Emma. Freud insiste na *precocidade* do *desligamento sexual* (a *sedução* que, psicanaliticamente, designa uma solicitação muito precoce de um desejo inconsciente) e suas consequências *a posteriori*. Mais tarde, ele fala da *ação póstuma de um trauma infantil* (Freud, 1896/1989).

Em 1897, ele cunhou o substantivo em suas cartas para Fließ. Em *O Pequeno Hans* (Freud, 1909/1998), suas interpretações seguem a lógica do *après-coup*, embora ele não empregue o termo. Já no texto sobre o *Homem dos Lobos* (Freud, 1918/1988a), o conceito adquire maior complexidade, considerando que as próprias sessões e a transferência são *après-coups* necessários ao propósito do tratamento. Por fim, verifica-se um fenômeno notável a partir de 1917: *Nachträglichkeit* desaparece de seus escritos, enquanto a ocorrência de um processo em dois tempos aparece com maior frequência, com a chegada do complexo de castração em dois tempos. Assim, em 1925 (Freud, 1925/1992a) Freud articula o *visto* e o *ouvido* deste último sem empregar o termo *après-coup*.

O *après-coup* é, portanto, um processo descontínuo (*Proceß*) que se desenrola em dois tempos manifestos e um tempo latente, e que realiza um trabalho envolvendo processos psíquicos inconscientes (*Vorgang*). A língua alemã dispõe de duas palavras para diferenciar processo no sentido de desenrolar e processo como operação psíquica. Este em-dois-tempos explica-se progressivamente. É a consequência da solução de continuidade que existe entre as tendências extintivas das pulsões e o imperativo de inscrição que a elas se opõe.

<sup>3</sup> Ex post: partindo do que vem depois.

## Regressão e trabalho regressivo do *après-coup*

Freud criou esse conceito ao mesmo tempo em que sua investigação estava dominada por sua preocupação *etiológica*. Esta corresponde, por isomorfia, à tendência, já observada por Joseph Breuer, da rememoração de seguir um caminho temporal *reverso*. Breuer havia descrito uma *retrogressão*<sup>4</sup> que lhe permitiu conceber o método catártico. Freud acompanhou essa *regressão temporal* e acrescentou uma exigência de verbalização, portanto, de produção de *après-coups* verbais que sigam uma regressão formal. Ele põe essa tendência a regredir, associada a uma pressão para sustentar verbalmente uma ligação com a consciência, a serviço do objetivo terapêutico. Promove, assim, um novo método, o *tratamento psico-analítico*, definido por seu *protocolo* [enquadre], sua *regra fundamental* e um trabalho psíquico de mão dupla e em dois tempos, o *trabalho do après-coup*, desenrolando-se em seu curso pelas vias regredientes e progredientes.

A partir de sua observação de Emma, no *Próton pseudos* na histeria (Freud, 1950/2006b, 2ª parte, 4º capítulo), Freud descreve detidamente o processo do *après-coup*, concentrando-se na regressão temporal das sessões. Ele decompõe, então, o tempo 1, o do “golpe” [*coup*], em duas cenas retrógradas, uma cena I, recente e rememorável, e uma cena II, anterior, inconsciente no sentido estrito. Ele retoma e complexifica, assim, a teoria traumática de Jean-Martin Charcot, já exposta em *Estudos sobre a histeria*, com a formação diacrônica dos sintomas em dois tempos, mas privilegia o movimento *reverso* da rememoração catártica. Freud inverte, então, o curso do tempo, priorizando o da rememoração de sessão. Ele chama a cena recente de cena I: a lembrança da zombaria dos balconistas quando, aos 13 anos, Emma entra em uma loja; e a antiga, de cena II: a lembrança recalcada das apalpadelas sofridas por Emma em outra loja, aos 8 anos de idade. O tempo 2, sintomático, é a *agorafobia* ao entrar sozinho em uma loja. Os dois tempos são separados por um tempo de latência, termo também criado por Freud.

De fato, foi Charcot quem descreveu a organização temporal dos sintomas histéricos *em dois tempos*, com um terceiro chamado de incubação ou elaboração psíquica e situado entre o *golpe* [*coup*] traumático (o choque) e o *após* [*après*] manifesto (o sintoma).

Aluno de Charcot (Freud foi seu tradutor para o alemão), e preocupado em levar adiante o propósito dele de livrar os transtornos psíquicos do impasse

---

<sup>4</sup> Por retrogressão, Breuer designa o fato de retomar a história a partir de um ponto específico do passado e de repeti-la no intuito de reconstruí-la e dela se liberar.

etiológico da degenerescência, Freud leva a sério as referências temporais da concepção do mestre do hospital Salpêtrière. Porém, seu interesse está voltado para o entre-dois-tempos, recém nomeado por Charcot, e para o trabalho psíquico inaparente que ali se desenrola.

A *interpretação dos sonhos* surge dessa atenção que Freud dá ao trabalho psíquico específico e silencioso que se desenrola durante esse período intermediário denominado por ele de período de latência – o que lhe permite levar em conta uma nova operação psíquica, banal e cotidiana, a *colocação em latência*. Esse período de latência é facilmente observável no desenvolvimento da sexualidade humana com sua bifasia, mas também no funcionamento mental comum. A colocação em latência é uma operação envolvida na teoria do sonho, na oscilação entre o dia e a noite (Denise Braunschweig & Michel Fain, 1975), e especialmente observável, por seus efeitos *après coup*, em sessões de hipnose e análise. Os entremeios que são a noite e a sessão de análise constituem períodos de latência ocupados por um trabalho psíquico inconsciente específico, a ser teorizado. O trabalho onírico e seus resultados, a regeneração libidinal do despertar, a lembrança e o relato do sonho tornam-se protótipos das atividades psíquicas regressivas realizadas na passividade da latência.

A lógica da regressão temporal associativa, cena I recente – cena II antiga, faz parte de um processo de rememoração que, na verdade, permite um trabalho de regrediência (Botella & Botella, 2001). Para Freud, apenas a expressão manifesta do sintoma segue pela via progrediente.

A rememoração articula a adolescência à infância, partindo da primeira. É a precocidade sexual do *golpe traumático* II que se reatualiza em I por ocasião do despertar pulsional da puberdade. A dimensão sexual comum entre II e I aparece claramente, mas a atração regressiva extintiva das pulsões ainda permanece ocultada pela ideia da pressão pulsional, o que impede de reconhecer que essa precocidade é uma perturbação da sensualidade da infância.

As regressões temporais, formais e tópicas são completadas pela regressão sensual própria da vida erótica. O contrainvestimento da atração regressiva das pulsões é realizado, desde o início da vida, por meio dos cuidados precoces e do ambiente familiar. A erogeneidade corporal desenvolve-se, então, sob o manto da sensualidade. Após o período de latência e a aquisição dos processos psíquicos, torna-se possível a regressão sensual até o sexual de órgão. O período refratário oferece um obstáculo antiextinção (o pós-orgasmo, dito, em francês, *la petite mort*) à regressão sensual. Ele funda os freios do corpo (Chervet, 2011). A vida erótica é um *après-coup* que exige a instalação prévia de uma sensualidade erógena. O gozo e o orgasmo são as expressões das duas vias da extinção pulsional, a tendência extensiva ao infinito e aquela que reduz ao zero.

## Evolução da concepção do *après-coup*

O que se denomina *après-coup* e *coup* varia, portanto, de acordo com o ponto de vista da gênese do sintoma ou com aquele do discurso nas sessões. Conforme a lógica do choque, é o aparecimento do sintoma que constitui o efeito de *après-coup*. De acordo com a lógica da busca catártica, são as lembranças sucessivas que, a partir do sintoma, constituem *après-coups*. E segundo a lógica psicanalítica, “*cada rememoração é um après-coup de uma lembrança inconsciente que adquiriu, no après-coup de seu recalçamento, o valor de golpe traumático*” (Freud, 1950/2006b). No primeiro modelo, o golpe [*coup*] está ligado a um acontecimento traumático, no segundo, à lembrança e, no terceiro, à transferência para a análise da atração regressiva recalçadora e do imperativo da verbalização. A rigor, o golpe da memória inconsciente é a manifestação do efeito traumático da atração extintiva.

Freud generaliza esse modelo transferencial aplicando-o a todas as lembranças e aos retornos do recalçado. A noção de *retorno* torna-se um corolário da noção de *après-coup*. No Homem dos Lobos, a sessão deixa de ser apenas promotora de *après-coups*, tornando-se ela mesma, assim como a transferência, um *après-coup*. A atração regressiva retorna conforme a dissimulação do recalçado.

Assim sendo, a situação analítica pode ser concebida como uma sobreposição e um entrelaçamento de *après-coups* singulares de cada protagonista. Daí a criação de uma neoprodução, o *après-coup* analítico, um eu – não eu (Winnicott, 1971/1975) específico da sessão, uma neorrealidade permeada de reminiscências cruzadas, o *objeto analítico* (Green, 1975, 2002), a *quimera* (M’Uzan, 1978/1998), o *terceiro analítico* (Ogden, 1994, 2005).

O *après-coup analítico* é a alavanca do efeito terapêutico. Inscreve-se, em cada sessão, nas sequências e em todo o tratamento. A *contratransferência de precedência* (Neyraut, 1973) de cada analista está ali envolvida de acordo com modalidades emocionais, figurativas e teóricas, variadamente mescladas.

A atração regressiva promove, em sessão, a reatualização do efeito traumático por meio da rememoração, da repetição e da construção. Os produtos do *après-coup* são reminiscências *sobredeterminadas*. A concepção de *reminiscência generalizada* (Freud, 1937/2010) envolve as noções de realidade histórica, de traços ontogenéticos e filogenéticos e, pela função do *après-coup*, de verdade histórica produzida pela psique em resposta às tendências extintivas.

Portanto, é a elaboração, em 1920 (Freud, 1920/1996b), de uma qualidade fundamental da pulsão, a tendência a retornar a um estado anterior até alcançar o inorgânico, que se torna decisiva para o desaparecimento do emprego do conceito de *après-coup* por Freud. A primazia conferida pelo termo *Nachträglichkeit* ao

significado progrediente não levava suficientemente em conta o outro aspecto do processo, o papel preponderante do trabalho psíquico regressivo realizado pelo processo do *après-coup* sobre as aspirações regressivas traumáticas – trabalho que se cumpre diariamente pela função onírica.

Inicialmente relacionado tão somente à gênese do sintoma histérico, o processo do *après-coup* torna-se aos poucos específico da bifasia da sexualidade humana, articulando o período edípico à puberdade, entrecortados pelo período de latência. Em seguida, estende-se ao funcionamento mental comum e à oscilação entre a noite e o dia, envolvendo tanto a via regrediente quanto a progrediente. Por fim, sua função em relação à atração regressiva até a extinção permite generalizá-lo a todas as formações psíquicas, ao pensamento e ao desejo. É quando seu valor se estende a todo o funcionamento mental que o uso do termo é interrompido. Toda a clínica pode, assim, ser abordada como perturbações variadas da realização do processo de *après-coup*.

### **Desaparecimento e ressurgência com Jacques Lacan**

A história desse conceito não termina aí. Sua trajetória ilustra a ação daquilo que ele designa. Após um primeiro período de emergência oficial e um desaparecimento que passou despercebido, ele volta à tona na França, com Lacan. Seguindo o mesmo método de Freud, Lacan cunha o substantivo *après-coup* a partir de um advérbio e de um adjetivo da língua corrente, *après coup*. Mais tarde, Jean Laplanche (2006) sugere convencionar a grafia, reservando o hífen para o substantivo, convenção que adotei. O *après-coup* torna-se, então, um conceito fundamental da psicanálise francesa, reconectando-se assim com a origem francesa (Charcot) de um processo *em dois tempos*.

Ao colocar em relevo o *Nachträglich*, Lacan denuncia a redução sofrida pela psicanálise nos anos do pós-guerra, marcada por um geneticismo psicologizante e desenvolvimentista, por uma teoria da temporalidade linear e cronológica. Com seu próprio estilo, tentando dar conta do processo do *après-coup*, Lacan emprega o termo *Nachträglich* sem respeitar a língua alemã nem os termos empregados por Freud. Defendendo, apropriadamente, um *retorno* a Freud, ele argumenta que o *après-coup* consiste em “sempre recomeçar” (Lacan, 1972). “A natureza da construção do sintoma é ser *nachträglich*” (Lacan, 1957). “Todo discurso deve ser forçado a sempre retornar ao princípio, como *nachträglich*, *après-coup*” (Lacan, 1969/2006). “O *nachträglich* (lembramos que fomos os primeiros a extraí-lo do texto de Freud), o *nachträglich* ou *après-coup*, segundo o qual o trauma está envolvido no sintoma, apresenta uma estrutura temporal de ordem superior” [à retroação] (Lacan, 1966b). E ainda, referindo-se aos dois

tempos e à latência, Lacan escreve: “O depois serviu de antessala para que o antes pudesse ocupar seu lugar” (1966b).

Lacan percebe perfeitamente o rebaixamento da noção de *après-coup* quando reduzida a um advérbio de tempo e a uma determinação linear entre dois acontecimentos sucessivos. Todavia, ele se afasta das implicações econômicas do processo do *après-coup* em relação ao real do traumático, do trabalho de transformação da economia psíquica realizado por esse processo graças ao seu tempo regressivo. Lacan insiste apenas no papel da sobredeterminação implicada na cadeia verbal “pelo *après-coup* de sua sequência” (Lacan, 1958/1966a). Encontramos, assim, no cerne da causalidade lacaniana, uma primazia conferida à temporalidade progrediente. Consequentemente, o *après-coup* é pensado como uma simples *reestruturação* dos acontecimentos passados, como uma *ressubjetivação* de um passado inconsciente transcrito em uma formação do inconsciente. Mais tarde, Lacan propõe como figura do processo do *après-coup* a imagem do toro. A fala em sessão torna-se *voltas de dizer* que se fazem necessárias pela presença, nesse toro, de um corte, de uma fenda, a divisão do sujeito. Essas *voltas de dizer* permitem que esse toro se torne uma *banda de Moebius* e uma mensagem enunciável. O *après-coup* é, então, representado pelas retorções, reversões e inversões dessas *voltas de dizer*.

Lacan caracteriza a causalidade psíquica do *après-coup* como “circular e não recíproca”, percebendo claramente a assimetria existente entre as duas cenas, II e I, assim como em sessão, entre os dois protagonistas.

### **Do trauma ao traumático**

O destino desse conceito, com sua emergência e desaparecimento, segue a realidade processual que ele descreve. Esse percurso descontínuo em dois tempos corresponde a uma interiorização da noção de traumatismo no seio da metapsicologia. A definição do traumático, depois de ter sido relacionada a uma sedução (Freud, 1950/2006a) que envolve um *outro*, o sedutor – que supostamente desencadeia a temporalidade do desenvolvimento da sexualidade e do Eu, por precocidade ou prematuridade, evolui na obra de Freud para um conflito de ressexualização do narcisismo sob a influência de demandas pulsionais: o conflito entre pulsão sexual e pulsão do Eu. Essa concepção reata com aquela, que está presente em *Estudos sobre a Histeria* (Freud & Breuer, 1893-1895/2009), de um núcleo traumático atrator submetido ao recalçamento. Freud acrescenta que o recalçamento se dá, na verdade, sob a influência dessa atração negativa de um inconsciente primário ou mesmo originário (Freud, 1915/1988b). Isso o leva a explicar que “o recalçamento é uma neurose traumática elementar” (Freud, 1919/1996a).

Essa negatividade do traumático adquire amplitude ainda maior devido ao estudo das neuroses de guerra. Segue-se o reconhecimento de uma neurose traumática que escapa ao princípio do prazer – o que contesta parcialmente a teoria do sonho, sem excluir a possibilidade de considerar que os sonhos traumáticos ainda tentam realizar o desejo de dormir-sonhar.

Como acabamos de lembrar, Freud relaciona, em 1920, a noção de traumatismo a uma qualidade inerente à própria natureza das pulsões, sua tendência a retornar a um estado anterior até atingir o inorgânico (Freud, 1920/1996b). A dimensão traumática é interiorizada. O acontecimento psíquico vem de dentro, da tendência das pulsões à extinção. Ele pode ser desencadeado por um evento externo, por um “trauma”, mas também pode ser de origem endógena. Essa atração regressiva (Freud, 1926/1992b) busca e encontra, ou até mesmo cria, transpõe-se para e coopta um evento externo, permitindo a elaboração de uma *falsa ligação*, uma teoria causal com o objetivo de modificar essa economia regressiva que detém um poder negativante. A atração negativa perde assim qualquer freio. A regressão não para mais na lembrança da cena de sedução com redescobertas de sua percepção, ou no retorno ao narcisismo absoluto do seio materno (Freud, 1914/2005). Delineia-se uma *regressividade extintiva* (Chervet, 2002) que exige, em contraponto, a intervenção de um *imperativo de inscrição* e de elaboração psíquica sob a égide do Supereu e de suas formas incoativas (imperativo de retenção, censura do sonho, etc.) (Chervet, 2009). Este é o trabalho realizado pelo processo do *après-coup*. Ele requer uma retenção fundadora do masoquismo de funcionamento, a qual é alcançada através do trabalho de coexcitação libidinal. As perturbações sofridas por esse masoquismo primordial constituem as semiologias descritas pelos psicossomatistas, aquelas do pensamento operatório, da depressão essencial e dos usos abusivos do corpo, com consequências sobre o soma (Smadja, 2017, Aisenstein, 2020).

O processo do *après-coup* encontra, assim, sua plena função, e as razões de ser de sua forma específica, esse *em-dois-tempos*, dois tempos manifestos e um *entre-dois-tempos* latente. O *après-coup* é o método de que dispõe o aparelho psíquico para lidar com essa qualidade negativa das pulsões, ativada pelos muitos traumas cotidianos, e para instaurar o princípio de prazer e o juízo de realidade.

Para cumprir essa missão, o processo é composto por três operações. Inicialmente, ele toma a via regrediente, depois transforma a economia libidinal regressiva, orientando-a, por fim, para a via progrediente. Essa economia libidinal regressiva é então inscrita no psiquismo em moções pulsionais retomadas pelo desejo humano e por seus múltiplos destinos. O processo é movido por uma *atração regressiva* e por um *imperativo* de produzir um material progrediente capaz de ser apresentado à consciência. Trata-se do modelo de um

funcionamento mental ideal, sendo, portanto, uma *referência* para qualquer avaliação de uma produção psíquica.

### **Pensar o *après-coup***

Toda a psicanálise francesa da segunda metade do século XX beneficiou-se desse incentivo insuflado por Lacan e desse retorno a Charcot por intermédio de Freud. Muitos autores franceses aprofundaram a noção de *après-coup*: Claude Le Guen (1982a, 1982b), Laplanche (2006), Chervet (2006, 2009, 2022), Jacques André (2009). Ou recorreram a esse conceito em seus trabalhos sobre o funcionamento psíquico, a causalidade, a temporalidade, etc.: Michel Neyraut (1973), Braunschweig e Fain, (1975), André Green (1982), Jean Guillaumin (1982), Haydée Faimberg (2005), Ilse Barande (2006), entre outros. Toda a psicanálise francesa se refere com frequência ao *après-coup*, limitando-o, às vezes, à sua temporalidade propediente.

Laplanche seguiu a concepção de Lacan ao integrar o *après-coup* em sua Teoria da Sedução Generalizada, segundo a qual as mensagens maternas implantadas no inconsciente da criança produzem constantemente *après-coups*, traduções sucessivas, devido à valência enigmática ligada à sua natureza sexual. A transferência torna-se uma infinita transferência da transferência e o *après-coup*, o processo da alienação.

Sucessivamente à dinâmica surgimento – desaparecimento – retorno, convém assinalar que o *après-coup* tornou-se um conceito “schibboleth” entre a psicanálise francesa e a anglo-saxônica. Sem dúvida, Mélanie Klein e seus sucessores interessaram-se particularmente pelo primeiro tempo do *golpe* [*coup*] e pelas experiências de pavor e terror que o acompanham, portanto, em uma situação de neurose traumática na qual o processo de *après-coup* não é apenas potencialmente eficiente.

Se, para a psicanálise francesa, o arcaico é construído *après-coup* (Green, 1982), para as escolas anglo-saxônicas, ele já está ali, e é preciso lutar contra as angústias primitivas desorganizadoras. O modelo predominante é muito mais o do comensalismo (Wilfred R. Bion, 1970/1974) e do suporte ao desenvolvimento e à realização (Bion, 1983) do que aquele da elaboração e da perlaboração que passa pela via regressiva e pela interpretação desse negativo atrator. É preciso lutar, mediante uma geratividade (Winnicott, 1971/1975), contra uma experiência sensorial traumática basal. A relação com a dor e o masoquismo de funcionamento, com o luto e com o *objeto* perdido, é dominada pela regressão à dependência e pela transformação das respostas do entorno. A atenção se volta para a experiência emocional entre o analista e o analisando,

que pode ser pensada em termos de *après-coup* analítico. Bion situa os processos de transformação, que instauram a função alfa e os elementos de mesmo nome, na *reverie* materna, em um *entre-deux* fora. As noções de assistência, objeto que presta assistência, identificações projetivas positivas e negativas encontram aí sua coerência e justificação.

A dinâmica de um *après-coup* que engloba os dois protagonistas do tratamento analítico também tem sido tema de inúmeros estudos. A sessão como *après-coup* de comunidade está no centro de trabalhos sobre a transicionalidade e o brincar, sobre o animismo a dois (Janin, 1996), sobre trabalho em duplo (Botella & Botella, 1995).

Referindo-se ao sítio analítico, Jean Luc Donnet (2005) reforça a dimensão aleatória da ocorrência do *après-coup*, que assim entra em conflito com o determinismo que recai sobre esse processo, levando o sujeito a encontrar-criar, ou não, as percepções e os traços perceptivos necessários para essa ocorrência.

Retomando todos esses trabalhos, propus (2005, 2009, 2019) uma concepção do *après-coup* como processo de realização do desejo e do pensamento humano, de todas as formações psíquicas. O *après-coup* é o processo do pensamento, uma teoria do pensar. Assim, parece ser o processo basilar do tratamento psicanalítico através do qual qualquer cura é possível.

Dos dois lados do Canal da Mancha, autores intrigados com essa distância entre as duas correntes de pensamento em psicanálise, aquela que inclui o *après-coup* em seu corpus e aquela que o dispensa, buscaram interpretar a diferença. Haydée Faimberg manifestou um interesse particular por essa noção, que ela colocou no centro de sua teoria da *escuta da escuta* (1981). I. Sodré (2005) propõe uma leitura original das Controvérsias, dentro da British Society, em relação ao *après-coup* como *conceito ausente* (*the missing concept*). Em seus trabalhos sobre a temporalidade, R. J. Perelberg (2006) confere um lugar central ao *après-coup*. Dana Birksted-Breen (2003) e Haydée Faimberg (2005) propõem relacionar o medo do colapso, de Winnicott, e o *après-coup*, da psicanálise francesa. Esta abordagem mostra que esse medo acompanha o movimento regressivo inaugural do processo do *après-coup*.

Na verdade, discussões, debates e trabalhos acontecem e são publicados, mostrando que o encontro é possível e que a incompatibilidade é um efeito de simplificação. Dois fatos devem ser levados em consideração. Por um lado, e isso desde Freud, o fenômeno do *après-coup* está muitas vezes ativo, sendo até mesmo reconhecido sem ser nomeado. Por outro lado, o termo *après-coup* é amplamente utilizado pelos analistas em sua simplificação corrente de desenrolar temporal e de reflexividade anterógrada, não implicando as atrações do inconsciente e o trabalho econômico exigido.

Por fim, todos os estudos psicanalíticos também podem ser considerados como *après-coups* do que motivou aqueles de Freud. Sem dúvida, seguindo os passos de Freud, esses estudos desenvolvem, refinam e ressignificam suas proposições. No entanto, confrontados por aspectos da realidade que ficaram ociosos na obra de Freud, tais estudos a enriquecem e modificam seus fundamentos, sua inteligibilidade, sua possibilidade de tratar a economia extintiva traumática. Um retorno à fonte traumática, à sensibilidade a ela, se faz, então, necessário para que uma nova parcela de pensamento possa surgir, integrar-se à anterior e reorganizar o todo.

### **From *Nachträglichkeit* to *après-coup*, the in-two-times and the in-between-two-times of human thought and desire**

**Abstract:** The genealogy of the concept of *après-coup* is isomorphic with the process to which it refers, one that is inherent to thought and desire. This genealogy followed the detour of *Nachträglichkeit* before flourishing in French psychoanalysis with the term *après-coup*.

The operation of *après-coup* is a process that unfolds in two stages and realizes a regressive psychic work in the interval period of latency. This configuration is explained by the fact that there is a solution of continuity between the extinctive tendencies of the drives and the imperative of registration that both opposes them and makes use of them.

The operation of *après-coup* is the method that the psyche has at its disposal for processing these traumatic tendencies linked to the numerous daytime traumas. It allows for the libidinal regeneration of mental life and object-cathexes. Irrespective of the place this concept has in the metapsychological corpuses of the psychoanalytic schools, the session work seeks to make this process and its functions operative.

**Keywords:** Biphasia of thought and desire. Extinctive regressivity. Imperative inscription. Infinite extension. Masochism of functioning. Return to the inorganic. Sensual regression. Sexual co-arousal. Traumatic attraction.

### **Referências**

Aisenstein, M. (2020). *Désir, douleur, pensée. Masochisme originaire et théorie psychanalytique*. Paris: Ithaque.

André, J. (2009). L'événement et la temporalité. *Revue Française de Psychanalyse*, 73(5), 1285-1352.

- Barande I. (2006). De l'après-coup et de la traumatophilie. *Revue Française de Psychanalyse*, 70(3), 737-744.
- Bion, W. R. (1974). *L'attention et l'interprétation*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1983). *Réflexion faite*, Paris: Puf.
- Birksted-Breen, D. (2003). Time and the après-coup. *The International Journal of Psychoanalysis*, 84(6), 1501-1515.
- Botella, C., & Botella, S. (1995). La dynamique du double: Animique, auto-érotique, narcissique: Le travail en double. In C. Couvreur, A. Fine, & A. Le Guen, *Le double* (pp. 65-82). Paris: Puf.
- Botella, C., & Botella, S. (2001). Figurabilité et régrédience. *Revue Française de Psychanalyse*, 65(4), 1149-1239.
- Braunschweig, D., & Fain, M. (1975). *La nuit, le jour*. Paris: Puf.
- Chervet, B. (2002). Quelques considérations sur la dimension traumatique. *Revue Française de Psychanalyse*, 66(3), 759-779.
- Chervet, B. (2006). Le rêve dans le rêve. *Libres Cahiers pour la Psychanalyse*, 14, 133-146.
- Chervet, B. (2006). L'après-coup, prolégomènes. *Revue Française de Psychanalyse*, 70(3), 671-700.
- Chervet, B. (2008). Incidences et mise en abyme. *Revue Française de Psychanalyse*, 72(4), 1137-1153.
- Chervet, B. (2009). L'après-coup, la tentative d'inscrire ce qui tend à disparaître. *Revue Française de Psychanalyse*, 73(5), 1361-1441.
- Chervet B. (2011). "Faire l'amour". La régression sensuelle et les loquets du corps. *Revue Française de Psychosomatique*, 40, 09-19.
- Chervet, B. (Dir.). (2015). *Le meurtre fondateur*. Paris: Puf.
- Chervet, B. (2019). L'après-coup et le temps mêlé. Scansion, césure et douleur. *Revue Française de Psychosomatique*, 55, 19-35.

Chervet, B. (2022). *Après-coup in psychoanalysis: The fulfilment of desire and thought*. Routledge: London.

Donnet, J.-L (2005). *La situation analysante*. Paris: Puf.

Faimberg, H. (1981). Une des difficultés de l'analyse, La reconnaissance de l'altérité, L'écoute des interprétations, *Revue Française de Psychanalyse*, 45(6), 1351-1368.

Faimberg H. (2005). Après-coup. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 1-6; 11-13.

Freud, S. (1988a). À partir de l'histoire d'une névrose infantile. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 13, pp. 5-118). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1918)

Freud, S. (1988b). L'inconscient. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 13, pp. 205-242). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1989). L'hérédité et l'étiologie des névroses. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 3, pp. 107-120). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (1991). Josef Popper-Lynkeus et la théorie du rêve. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 16, pp. 315-319). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1992a). Quelques conséquences psychiques de la différence des sexes au niveau anatomique. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 17, pp. 189-202). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1925)

Freud, S. (1992b). Inhibition, symptôme et angoisse. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 17, pp. 203-286). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1996a). Introduction à: "Sur la psychanalyse des névroses de guerre". In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 15, pp. 219-223). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1996b). Au-delà du principe de plaisir. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 15, pp. 273-338). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1998). Analyse de la phobie d'un garçon de cinq ans. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 9, pp. 1-130). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (2003). L'interprétation du rêve. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 4, pp. 14-756). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (2005). Pour introduire le narcissisme. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 12, pp. 213-245). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2006a). *Lettres à Wilhem Fliess (1887-1904)*. Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1950)

Freud, S. (2006b). Projet d'une psychologie. In *Lettres à Wilhelm Fliess (1887-1904)* (pp. 593-693). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1950)

Freud, S. (2010). Constructions dans l'analyse. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 20, pp. 57-73). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S., & Breuer, J. (2009). Études sur l'hystérie. In *Oeuvres complètes de Freud – Psychanalyse* (Vol. 2, pp. 9-332). Paris: Puf. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

Green, A. (1975). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In *La folie privée* (pp. 63-102). Paris: Puf.

Green, A. (1982). Après coup, l'archaïque. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 26, 195-216.

Green, A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: O. Jacob.

Guillaumin, J. (1982). *Quinze études psychanalytiques sur le temps: Traumatisme et après-coup*. Toulouse: Privat.

Janin, C. (1996). *Figures et destins du traumatisme*. Paris: Puf.

Lacan, J. (1957). Réflexions sur l'exposé de Monsieur Hesnard: "Réflexions sur le Wo Es war, soll Ich werdern de S. Freud" à la Société Française de Psychanalyse le 6 novembre 1956. *La psychanalyse*, 3, 323-324.

Lacan, J. (1966a). D'une question préliminaire à tout traitement de la psychose. In *Écrits* (pp. 531-583). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1958)

Lacan, J. (1966b). *Écrits*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (2006). *Séminaire XVI, D'un Autre à l'autre (1968-1969), séance du 7 Mai 1969*. Paris: Seuil.

Lacan, J. (1972). Discours de conclusion au Congrès de l'École freudienne de Paris sur "La technique psychanalytique". *Lettres de l'École Freudienne*, 9, 507-513.

Lambertucci-Mann, S. (2018). Vicissitudes des transformations psychiques. Le travail de la déformation. 82<sup>e</sup> CPLF. *Revue Française de Psychanalyse*, 82(5), 1235-1299.

Laplanche, J. (2006). *Problématiques VI: L'après-coup*. Paris: Puf.

Le Guen, C. (1982a). L'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 66(3), 527-534.

Le Guen, C. (1982b). The trauma of interpretation as history repeating itself. *The International Journal of Psychoanalysis*, 63(3), 321-330.

M'Uzan, M. (1998). La chimère et la bouche de l'inconscient. In F. Duparc (Dir.), *L'art du psychanalyste: autour de Michel de M'Uzan* (pp. 235-242). Lausanne: Delachaux et Niestlé. (Trabalho original publicado em 1978)

Neyraut, M. (1973). *Le transfert: Étude psychanalytique*. Paris: Puf.

Ody, M. (1990). Œdipe comme attracteur. In Schimmel I. (Dir.), *La psychanalyse: Questions pour demain* (pp. 211-219). Paris: Puf.

Ogden, T. H. (1994). The analytic third: Working with intersubjective clinical facts. *The International Journal of Psychoanalysis*, 75(1), 3-19.

Ogden, T. H. (2005). Le tiers analytique: Les implications pour la théorie et la technique psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, 69(3), 751-774.

Perelberg, R. J. (2006). Les controverses et l'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 70(3), 647-670.

Smadja, C. (2017). Le travail de somatisation. In F. Nayrou, & G. Szwec (Dir.). *La psychosomatique* (pp. 47-68). Paris: Puf.

Sodré, I. (2005). As I was walking down the stair, I saw a concept which wasn't there: or, après-coup: a missing concept? *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 7-10.

Hock, U. (2021). La déformation (Entstellung), un concept fondamental de la psychanalyse. *Le présent de la psychanalyse*, 5, 135-149.

Winnicott, D. W. (1975). Objets transitionnels et phénomènes transitionnels. In *Jeu et réalité: L'espace potentiel* (pp. 7-39). Paris, Gallimard. (Trabalho original publicado em 1971)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Tradução: Vanise Dresch  
Revisão técnica: Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Bernard Chervet  
E-mail: [bernard@chervet.fr](mailto:bernard@chervet.fr)